



Manuel de Lima Bastos

Na Luz da Sombra de
Mestre Aquilino

Sopa de
Letras

**Na Luz da Sombra de
Mestre Aquilino**

Título

Na Luz da Sombra de Mestre Aquilino

Autor

Manuel de Lima Bastos

Edição

Sopa de Letras, Cascais
1.ª edição – Maio de 2011
© Príncipeia Editora, Lda.

Design da Capa Maia Moura Design (Aquilino Ribeiro sob gravura do pintor Orlando Silva) • **Execução Gráfica** Rolo & Filhos II, S.A.

ISBN 978-972-8708-66-5 • **Depósito Legal** 326551/11

Sopa de Letras

Rua Vasco da Gama, 60-C – 2775-297 Parede – Portugal
Tel. +351 214 678 710 • Fax +351 214 678 719 • principia@principia.pt • www.sopadeletras.com.pt

Manuel de Lima Bastos

Na Luz da Sombra de Mestre Aquilino



A publicação de
Na Luz da Sombra de Mestre Aquilino
teve o apoio de



Para

Aquilino Ribeiro Machado

e

D. Manuel da Silva Martins,

*cuja presença benigna senti em meu redor
como sombras tutelares que me alentaram
no desânimo das madrugadas de trabalho
a inventar o que há muito já fora inventado.*

PREFÁCIO

Por imperativo do meu foro íntimo decidi chamar à boca do palco deste terceiro livrinho sobre Aquilino Ribeiro os nomes de duas pessoas que conheço não há grandes anos mas dos quais recebi sempre provas de serem amigos prestáveis e verdadeiros. A ambos devo, por modos vários, alguma coisa que reconheço com exacta consciência não me ser possível pagar.

É como se pusesse na entrada de casa os azulejos que antigamente se viam embutidos na parede com os dizeres do convite simples e ingénuo: *entre quem vier por bem*. A Aquilino Ribeiro Machado e a D. Manuel da Silva Martins posso e devo escancarar as minhas portas de par em par pois deles só recebi o bem do apreço pelos meus escritos temperado pela mais cordial estima.

Por essas razões estampo os seus nomes no portal por onde terão de passar os leitores deste livrinho – que é o terceiro e com certeza o penúltimo do meu ciclo de textos em volta da vida e obra do mestre da língua portuguesa – em tributo de reconhecimento por parte de quem assume aos olhos do público a dívida mas sabe perfeitamente que a não pode honrar.

É pequena a homenagem? Não passa de um quase nada mas foi o que consegui reunir depois de rebuscar a roupa de trabalho à procura das moedas de cobre que tivesse esquecido no fundilho dos bolsos. Hajam pois, por benevolente fineza, de perdoar o pouco valimento da

oferenda que só tem o mérito de exhibir à vista de quem passa a marca de água da gratidão e da amizade.

Lanço agora mão do livro da minha contabilidade particular e começo o exame da coluna do *deve* a cada um dos meus credores já que a do *haver* não regista lançamentos por estar em branco de cima a baixo. E a cada um requeiro que considere ter chamado pelo seu nome a este intróito como se o tivesse escrito em pedestal tosco e desajeitado de pedra rude mas em cuja base arderá para sempre o óleo da lâmpada votiva do meu reconhecimento.

* * *

Aquilino Ribeiro Machado, filho de Aquilino Ribeiro – o artista da palavra cuja obra atingiu o cume mais alto da prosa que algum dia se escreveu em língua portuguesa deixando um património que constitui, sem qualquer sombra de dúvida, o mais valioso monumento literário dado à estampa neste país durante todo o século vinte – é um caso raro e exemplar de cidadania e de trajectória cívica imaculada quer na sua vida pessoal quer ao serviço da *res publica* como deputado e logo a seguir como primeiro presidente da Câmara de Lisboa a ser eleito em sufrágio livre e democrático após o 25 de Abril de 1974.

Conhecemo-nos por me ter escrito uma carta apreciando a minha primeira obra sobre o escritor – *À Sombra de Mestre Aquilino* – de forma tão elogiosa que, se fosse eu que a tivesse redigido a dizer bem de mim próprio, não me atreveria por pudor e por consciência do exagero a ir tão longe. Não pondo em dúvida a sua boa fé e sinceridade, com igual sinceridade aqui declaro que não trocaria essa carta por nada deste mundo, muito menos pelo prémio literário da Ordem dos Advogados que em 2009 atribuíram a esse livro sobre Aquilino Ribeiro.

Quis também participar com a sua presença e as suas palavras de estima na apresentação em Lisboa do meu livro de carácter biográfico e memorialista a que chamei *Itinerário da Vida de Um Homem Comum*.

Recentemente estive em Sernancelhe em cujo Auditório Municipal decorreu a apresentação da minha segunda obra sobre o mestre da língua – *De Novo à Sombra de Mestre Aquilino* – onde foi o orador principal e, para além de frisar o grande prazer que a sua leitura lhe

proporcionara, improvisou minuciosamente sobre a memória do relacionamento de décadas com o escritor seu pai que os presentes escutaram com embevecido encantamento.

Do longo devaneio que as suas recordações propiciaram – que considero como homenagem ao meu livrinho já que nasceram da apreciação que dele fez e que a assistência ouviu em interessado e admirativo silêncio – vou destacar apenas a historieta que narrou e que me dá razão no que repetidamente defendi ser o gosto gastronómico do escritor, ao contrário da opinião sustentada por Luís de Oliveira Guimarães.

Aquilino Ribeiro passava habitualmente na Soutosa os meses de verão até aos meados do Outono de cada ano para aproveitar a época amena e praticar a arte da caça regressando à sua casa de Lisboa logo que o tempo arrefecia e se tornava mais áspero.

Ora é precisamente por esta época que começa a matança dos cerdos criados como bichos de estimação a farelos e lavagens e se procede à confecção do excelente fumeiro beirão. Contou o filho que o escritor, saudoso dos salpicões, dos chouriços, das morcelas e dos presuntos com que se deliciara na infância e na juventude, pedia à mulher que, como se fosse iniciativa dela, escrevesse uma carta a sua mãe, D. Mariana do Rosário Gomes, suplicando o envio de tais primores que são alegrias que enfeitam a mesa nas terras altas da Beira.

Estou em crer que tais pedidos, reflectindo a predilecção e o gosto do mestre escritor, ocorreram no tempo da primeira mulher – a alemã Grete Tiedmann que faleceu muito nova tendo sido inumada no cemitério da Soutosa, lugar que faz parte da freguesia de Peva – tendo depois casado em segundas núpcias com a mãe de Aquilino Ribeiro Machado, D. Jerónima Dantas Machado.

No dia seguinte à apresentação do livro, em resposta ao meu agradecimento pelos incómodos que lhe vou causando, não deixou de me enviar a mensagem que, contando com a sua licença, a imodéstia me faz aqui dar à estampa:

Meu prezado amigo: é sempre com prazer que me desloco a Ser-nancelbe. Já vou ficando um pouco perro para sair da minha toca, sobretudo neste tempo inverniço em que começo a ser tomado pela hi-

bernação própria dos velhos ursos. Mas por enquanto o prazer de estar com gente amiga e de voltar a sítios que me são dilectos supera, de longe, o ranger dos ossos da minha carcaça desvalida. Desta feita a apresentação do seu excelente livro deu-me um belo pretexto para quebrar a rotina e proporcionou-me uma ocasião adequada para lhe testemunhar a minha gratidão pela forma como soube tratar e valorizar a obra de meu pai. Reconhecido declaro-me eu por esta oportunidade que me proporcionou para exprimir publicamente a admiração e o prazer que o seu trabalho me trouxe. Só peço que me perdoe o modo um pouco atabalhoado como o fiz. Regra geral, quando me remeto à improvisação, fico sempre a penitenciar-me por ter dito muitas coisas inúteis e não ter dito outras que eram essenciais. Perdoe-me pois os excessos e as ausências, nomeadamente quando não consegui ser tão explícito ou sublinhar como desejaria os méritos dos seus livros bem como o prazer que da sua leitura retirei. Creia, sem reservas, na estima e no respeito do muito seu Aquilino Ribeiro Machado.»

Conhecem perfeitamente, todos os que têm de lançar mão do improvisado no uso da palavra, a sensação desagradável que sentimos ao fazer o balanço e constatamos que dissemos demais ou omitimos o que devíamos ter dito. Penso ter sido esse sentimento que ditou o desabafo das palavras de Aquilino Ribeiro Machado.

Mas sem razão. A sua oração encantou pela espontaneidade, o fio lógico das recordações não sofreu quebra e quem o ouviu discurrir sobre o meu livrinho, mas com particular relevância sobre as lembranças de si próprio entrelaçadas com alguns sucessos da vida de Aquilino Ribeiro enquanto homem de família e escritor, não deu pelo passar do tempo e guardou dentro de si a evocação dessas sentidas memórias.

* * *

Já noutra lado contei como conheci, apenas à distância, D. Manuel da Silva Martins que, por finais dos anos sessenta do século passado, exercia a missão eclesial de pároco da freguesia de Cedofeita na cidade do Porto.

Meu pai, que então classifiquei como crente dubitativo e talvez por hábito da casa da família onde nascera e fora criado, não dispensava fazer a desobriga pascal embora tivesse relutância em cumprir o preceito com o padre da terra com quem aliás mantinha relações cordiais.

Desconheço em absoluto a razão que o levou à igreja de Cedofeita recorrendo aos serviços do sacerdote Manuel da Silva Martins para dealbar o espírito das pequenas sujidades que se vão acumulando com o rodar das estações de cada ano. Era eu que lhe servia de motorista nestas deslocações que se repetiram durante uns bons pares de anos até à sua morte em Agosto de 1974.

Recordo perfeitamente que, na viagem de regresso, se desfazia em elogios ao homem de cultura ecuménica, bondoso, compreensivo e tolerante na largueza de vistas e horizontes que reconhecia no padre Manuel Martins, um sacerdote decerto imbuído pelo espírito revivescente do concílio Vaticano II.

Na fase da vida em que me encontro e arvorando a qualidade de agnóstico que pela razão se julga impedido de afirmar a existência de Deus mas a quem um íntimo sentimento não permite o atrevimento de a negar, faço vénia e solicito a licença do Sr. D. Manuel da Silva Martins para dizer, sem conhecimentos nem títulos que justifiquem a afirmação, que os preceitos e as lições que saíram daquela assembleia conciliar e o exemplo de vida do seu promotor João XXIII, o bom papa Roncalli, fizeram mais para congregar o mundo com a Igreja que tudo quanto aconteceu nos cem anos antecedentes e provavelmente virá a acontecer nos cem anos vindouros.

E sinto pena quando penso que a morte prematura de meu pai aos sessenta e seis anos de idade o impediu de assistir à ascensão do padre Manuel Martins à dignidade episcopal como primeiro prelado da novel diocese de Setúbal onde se entregou por inteiro ao apostolado a favor dos mais humildes dos humildes numa época em que a península de Setúbal conheceu o encerramento das suas maiores empresas e o desemprego arrastou muitos milhares de pessoas para o cortejo da indigência e da miséria mais afrontosas.

Por esse bem fazer ficou conhecido merecidamente como o *bispo vermelho* pois essa é a cor do sangue que corre nas veias dos seres

humanos e se associa a quem fez a opção de vida de ficar do lado dos desamparados que sofrem no dia a dia a fome de pão, a sede de justiça e o abandono da solidão.

Não tendo qualquer conotação partidária, é essa opção de vida uma escolha política no que esta tem de mais nobre ao contender com a organização das sociedades humanas e no mesmo sentido em que o crente, lendo o Evangelho, pode afirmar que a doutrina que Cristo pregou era *vermelha* por as suas raízes provirem dos penetrais mais fundos da fraternidade entre os homens.

Há três anos vim a conhecer pessoalmente D. Manuel da Silva Martins jubilado nesse então como bispo emérito de Setúbal embora continuando a exercer a sua actividade eclesial noutros domínios. O relacionamento entre um tão ilustre prelado da Igreja Católica e um pobre agnóstico que, pesem embora as muitas dúvidas e hesitações, não consegue sacudir do ombro o macaco mofareiro da razão que nele assentou o rabo e tem focinho meio de Descartes, meio de Voltaire e se encarrega de me espetar a unha na orelha quando me meto pela estrada que conduz a Damasco e, esquecido das sereias do mundo, dou por mim em divagações metafísicas, aconteceu de modo o seu tanto bizarro.

Por essa altura andava a cogitar numas certas voltas que tinha de dar à minha vida e veio-me à cabeça deixar por uns dias a balbúrdia do mundo para reflectir ou, como se dizia no tempo de Frei Luís de Sousa, retirar-me do século embora por prazo breve.

E não me lembrei de coisa melhor que contactar um velho condiscípulo e amigo que habita em Roriz, Santo Tirso, mesmo nas imediações do Mosteiro de Singeverga e pedir-lhe que intercedesse no sentido de aí me receberem por uns quatro ou cinco dias.

Não puseram dificuldades mas sugeriram que levasse uma carta do pároco da minha freguesia como recomendação pois tinham tido algumas experiências desagradáveis com hóspedes que não observaram comportamento adequado e aí é que a porca torceu o rabo pois, embora o sacerdote que rege a paróquia onde vivo me conheça e suponho que não poria obstáculos em atestar que não causaria escândalo nem chegaria fogo às paredes conventuais, o certo é que a formalidade me constrangia.

Não fiz caso da exigência, imprimir uma página do primeiro livro que escrevi sobre Aquilino Ribeiro na qual me defino como agnóstico nato e criado no seio da Santa Igreja Católica Apostólica Romana, apresentei-me na portaria do mosteiro de peito feito e disposto a submeter-me sem reserva ao exame do olho crítico de quem manda naquela tebaida.

Fui atendido pelo monge hospedeiro, um ancião cuja idade não andaria muito longe dos noventa anos e cujos apelidos, soube-o mais tarde por D. Manuel da Silva Martins, eram os de uma das famílias mais ilustres da cidade do Porto.

Informei-o que não trazia qualquer recomendação mas apenas uma página em letra de forma que dizia alguma coisa do que eu era. Quanto ao mais, tomava o compromisso de respeitar com decoro as regras da casa monacal.

Com lisura preveni que não podia dar o que não tinha e que era a crença da fé e punha como condição que me deixassem levar meia dúzia de livros para me entreter – quase todos de Aquilino Ribeiro – e pudesse fumar a minha cigarrilha quando me apetecesse. Nessa altura ainda fumava, que saudades!

Perguntou-me se podia ficar com a folhinha biográfica, ausentou-se durante uma boa meia hora e logo regressou inquirindo quando queria entrar. Já, foi a resposta que imediatamente lhe dei.

Informou-me que ficaria na ala dos hóspedes num quarto situado junto a uma porta que não fechavam à chave a qual, por uma escada, dava acesso a um pátio exterior e à mata frondosa anexa que é quase um jardim botânico quer pelo tamanho quer pela variedade das espécies. Quando quisesse fumar, de dia ou de noite, bastaria sair para o pátio ou para a mata. O que pediam é que o não fizesse nos claustros ou no interior do convento.

Foi aqui que conheci e convivi uns dias com o bispo emérito de Setúbal que lá fazia o seu retiro acompanhado por alguns seminaristas que dentro de breves semanas receberiam as ordens sacerdotais. Sentei-me a seu lado no refeitório, ouvi atentamente os seus bons conselhos e as suas boas palavras desprovidas de intenção catequizadora mas sábias por reflectirem a riqueza da experiência pastoral do

homem justo preocupado com o próximo enquanto deambulávamos em conversa amena gozando a frescura da sombra das árvores pelas veredas da mata magnífica.

E tive-o defronte de mim na igreja durante os actos de culto, de livro de horas aberto nas mãos a que deitava apenas olho mais que perfunctório e com certeza muitas vezes desatento, embrenhado como estava no meu circo interior mas a verdade é que fiz questão de nunca faltar ao cerimonial diário, ao menos em presença física.

Deste modo a minha estadia, pese a abstinência da fé, não fez deflagrar um incêndio nos fundamentos da congregação, não provocou escândalo de monta nos residentes nem acarretou transtorno grave à beatitude da vida monástica.

Por tais razões estou em crer que o meu comportamento não desmereceu do compromisso que tomei quando me franquearam generosamente as portas da casa conventual e me permitiram viver uma experiência que, por tão arredia e diferente da babilónia multitudinária que é a vida fora dos muros que a separam do mosteiro beneditino, se torna um pouco estranha para quem não dispõe do arrimo da crença mas que foi simultaneamente enriquecedora do ponto de vista espiritual. E quero acreditar que a experiência, não demolindo os fundamentos das minhas convicções, me tornou um ser humano um pouco melhor.

Depois desta breve convivência, o meu contacto com o Sr. D. Manuel da Silva Martins tornou-se mais regular sobretudo depois de ter lido o meu primeiro livro *À Sombra de Mestre Aquilino* que fez o favor de apreciar e divulgar, proferindo palavras tão amáveis e elogiosas que só posso levar à conta de delicadeza que sei não merecer porque me enxergo na minha simples condição de planeta mínimo que desaparecerá na escuridão se lhe faltar a luz do sol do escritor que o alumia. E o mesmo sucedeu, sem outros méritos, com as obras seguintes.

Vamos contactando por telefone vez por outra e até, nas vésperas de operação cirúrgica de algum melindre a que me submeti, quis obsequiar-me dizendo que se lembraria de mim nas suas orações. Agradeceu-lhe com a graça impertinente, e afinal sem graça nenhuma, de que nos ensinavam nas escolas de direito o princípio a que se pode chamar de jurisprudência das cautelas e que consiste, sempre que possível, em

apostar em todas as cartas. Por isso, ficava-lhe muito grato pelo obséquio que, se não fizesse bem, mal também não faria.

A sua bondade não lhe permitiu melindrar-se com a resposta que, sendo o seu tanto ou quanto ácida e inconveniente, deve ter levado à conta de me encontrar de humor pirrónico devido às palhas, com urtigas e cardos à mistura, em que então me achava deitado.

* * *

Foram estes dois homens, Aquilino Ribeiro Machado e D. Manuel da Silva Martins, – de certo muito diferentes nas ideias e convicções mas iguais na honradez do carácter, na dignidade da consciência e no desassombro do olhar – que quis homenagear chamando pelos seus nomes supondo, talvez com presunção temerária, que não se envergonhariam de me dar a honra de figurar à porta de entrada deste livro.

Existiriam outros que fossem merecedores do mesmo preito? Com certeza! Ficaré para outra ocasião, se outra ocasião houver.

Fico agora com as contas acertadas e quite com Aquilino Ribeiro Machado e D. Manuel da Silva Martins? Nada disso. O preço da amizade e da estima é dívida que se não pode pagar. Dá-se alguma coisa por conta conforme o que se vai granjeando. Foi o que fiz ao conge-minar esta obrinha. Só peço é que tenham a bondade de não reparar na pouquidão do presente.

CAPÍTULO PRIMEIRO

UMA POLÊMICA EXEMPLAR E MEMORÁVEL ENTRE AQUILINO RIBEIRO E D. SEBASTIÃO SOARES DE RESENDE

Para melhor se compreender a justa que, pelos idos de 1940, se travou nas páginas do suplemento literário do jornal de orientação católica *Novidades* – de conhecido pendor salazarista que o seu director, Monsenhor Moreira das Neves, sempre lhe imprimiu e salvo as excepções de alguns colaboradores ainda que ocasionais como é o caso de D. Sebastião Soares de Resende, futuro primeiro bispo da Beira – comecemos por apresentar os contendores com uma breve resenha biográfica.

* * *

Eça de Queirós, pouco tempo depois de Antero de Quental falecer, tendo sido seu amigo e admirador desde os anos de estudo em Coimbra acompanhando-o mais tarde em Lisboa na realização das célebres *Conferências do Casino* e mantendo durante toda a vida esse relacionamento afectuoso, escreveu um sentido *in memoriam* no qual invocou Antero como *o poeta que foi um santo*. Aliás era comum os amigos, ainda em vida do vate e filósofo açoriano, usarem chamar-lhe

Santo Antero por ter exercido nas gerações do seu tempo um magistério moral e político de líder incontestado.

Permitam-me, a propósito do padre Dr. Sebastião Soares de Resende, talhado para vir a ser o futuro 1º bispo da Beira, que utilize expressão semelhante invocando-o neste texto também, e sem favor, como *o bispo que foi um santo*.

Os que não conhecem a sua vida e a obra apostólica que realizou na formação e na defesa das populações negras em geral e das da sua diocese da Beira de que foi o primeiro prelado em particular, ficarão inteirados das razões que me levam a erguê-lo a essa suprema dignidade e a colocá-lo no supedâneo dos altares muito embora me reconheça sem poderes para o efeito. Nem por isso deixa de ser menos santo no meu íntimo devocionário.

Este bispo, meu conterrâneo das Terras de Santa Maria da Feira, nasceu a 14 de Junho de 1906 na freguesia de Milheirós de Poiares, depois de ordenado, foi para Roma frequentar a Pontifícia Universidade Gregoriana onde obteve a licenciatura em Teologia e o doutoramento em Filosofia acrescidos pelo curso em Ciências Sociais na Universidade de Bérnago, no norte de Itália.

Um percurso escolar praticamente idêntico ao da outra grande figura prelatícia das Terras da Feira, D. Moisés Alves de Pinho, bispo de Angola e Congo desde 1932 e depois primeiro Arcebispo de Luanda, natural da minha freguesia de Fiães e primo de minha avó paterna. Sendo mais velho que D. Sebastião, deu bem conta da violentíssima desumanidade com que o Estado Novo tratava as populações de cor logo que encabeçou esse bispado geral, mais tarde o arcebispado luan-dense durante trinta e quatro anos e resignando da dignidade em 1966, já muito depois do início da guerra colonial em Angola.

Foram as duas figuras eclesíásticas naturais das Terras de Santa Maria da Feira que deixaram mais indelével marca no século XX português quer pelo extraordinário gabarito intelectual quer pela obra de evangelização que levaram a cabo nas suas dioceses africanas à revelia do poder ditatorial da época.

Um, D. Moisés, sempre com a mansidão que procura evitar o afrontamento mas com a firmeza na prossecução do que entendia ser

o seu dever apostólico ao serviço dos mais desafortunados e desprotegidos que eram justamente os indígenas negros. O outro, D. Sebastião, mais combativo e mais apaixonado no que julgava ser exigência indeclinável da sua recta consciência de cristão perante a situação degradante dos negros na dita *província* de Moçambique que o ofendia na sua condição de homem e de sacerdote e perante a qual não podia nem queria fechar os olhos lavando as mãos farisaicamente como era prática corrente dos prelados seus colegas de outras dioceses que gozavam das mordomias e das boas graças do poder político.

Quem quiser dar-se ao trabalho de ler o seu *Diário Íntimo*, de que mais adiante se farão algumas citações, verificará a coragem e o denodo deste antístite e os trabalhos que lhe fizeram passar por ter ousado pôr à frente dos interesses dos senhores do regime político os valores do humanismo cristão e os irrefragáveis ditames que a voz da sua consciência esclarecida lhe impunha observar.

Regressado de Itália exerce o professorado no Seminário Maior do Porto sendo um ano depois nomeado vice-reitor. Em 1935, na companhia do Padre António Ferreira Gomes que viria a ser bispo do Porto e deixou tão excelente memória que ainda hoje mora no coração dos portuenses crentes e não crentes por ter ousado erguer a voz perante a prepotência do regime bárbaro, o que lhe valeu prolongado exílio, ascenderam à dignidade de cónegos da Sé Catedral.

Sagrado primeiro bispo da Beira em 1944, foi criar as estruturas da sua diocese a partir do nada pois nada existia. Nisso empenhou a sua inteligência, o seu esforço de homem franzino de físico e débil de saúde, mendigou auxílio económico para a obra de vulto na qual enterrou tudo quanto tinha – até a legítima que herdara de seus pais – e disso dá conta no comovente testamento que deixou dispondo dos minguidos pertences pessoais a favor da diocese.

Participou nos longos trabalhos do Concílio Vaticano II ficando conhecido como o participante com maior número de intervenções e poderemos concluir, sem receio de errar, que aderiu de alma e coração aos novos ventos que arejaram e renovaram a instituição que há séculos, provavelmente desde Trento, sofria do anquilosamento de se ter fechado sobre si própria ignorando os padecimentos da maior par-

«Mil obrigados pela sua obra “De Novo à Sombra de Mestre Aquilino” que tanto me sensibilizou e agradou. Nunca ninguém escreveu tão bem e com tanta mestria e sabedoria sobre Mestre Aquilino! Felicito-o e felicito-me a mim por ser seu fiel e devoto leitor. Acresce que a sua digressão pelas “Terras do Demo”, que são as de meu Pai e de todos os meus passados, devolveu-me o sabor e a memória das minhas raízes, da minha infância e da minha adolescência, da minha identidade matricial...!»

Miguel Veiga
advogado, homem da cultura e de livros, erudito aquiliniano

«Acompanhei-o com prazer neste seu novo roteiro aquiliniano. Prazer e inveja, já que me proporcionou visitar, por seu intermédio, o país do Mestre das Terras do Demo. Nem Garrett com Gomes de Amorim, ou Camilo com Alberto Pimentel, tiveram biógrafo ou historiador à sua altura. Só talvez, mas ainda a uma certa distância, Herculano com Bulhão Pato. Falecia-lhes não só a qualidade da prosa, mas também a ironia e a irreverência que fazem o encantamento de cada página dos seus livros.»

José Domingos da Cruz Santos
editor, livreiro e erudito camiliano

Manuel de Lima Bastos nasceu a 13 de Janeiro de 1940 em Santa Maria de Fiães, freguesia das Terras da Feira.

Segundo o próprio, «ocupou-se em viver a vida mas teve de interromper esta actividade para exercer o ofício de advogado durante mais de três décadas. Mantém-se vivo mas ninguém pode dizer até quando.»

Em 2009 publicou na Sopa de Letras «À Sombra de Mestre Aquilino», galardoado com o Prémio Literário Ordem dos Advogados.

www.sopadeletras.com.pt

ISBN 978-972-8708-49-8



9 789728 708498